

# A possibilidade de futuro na prática do impróprio a partir do texto de Jota Mombaça *não vão nos matar agora*

Débora Duarte (Universidade de Brasília)

Orientador: Paulo César Thomaz (Universidade de Brasília)

## fim

O que é o futuro? Todas as vezes que sou confrontada com alguma especulação sobre o tempo, me coloco a questionar a produção das existências, dessas múltiplas formas de estar e produzir temporalidades, que anunciam maneiras de escapar dessa pregnância condenatória indicada para uma linearidade progressiva de vida, para produzir outras formas de vida. Mas, essa "unidade de medida" serve para esperar a vida de quem? Ou melhor, tem servido a quem? "Por que há vidas matáveis? Que corpos adornam os projetos de futuro; quem são os sujeitos da história; o que é catástrofe, crise, extinção...?" (MOMBAÇA, 2021, p. 65). Quem são as pessoas que ainda podem contar com a expectativa de uma vida plena? Penso que há, no futuro, uma promessa de tempo que não cessa de se anunciar, provocando uma prospecção para o infinito do mundo. No entanto, a potência do porvir, nem sempre é promessa de vida, pelo contrário, tem se proclamado, cada vez mais, como um fim. "A hipótese de "perder o mundo" é indutora de uma ansiedade profundamente enraizada nas subjetividades brancas, na medida em que o mundo como nos foi dado conhecer é, precisamente, a infraestrutura da vida branca." (BRASILEIRO, 2022, p.41). Diante desses questionamentos, há também a vontade de especular, de que forma existe uma teimosia por parte de alguns corpos, que não cessam de produzir outras e novas formas de estar no mundo. Quando o futuro não pode prometer vida, ele é sentença de morte. E é nessa encruzilhada que eu proponho dialogar com Jota Mombaça. Em *não vão nos matar agora* (2021), livro de ensaios, a autora nos convoca a passar pelos vários estágios de denúncia das políticas de morte, de um país, segundo ela, "o Brasil é a chacina". Além de uma retomada ao seu próprio experimento de si, para endereçar às suas, que assim como ela, são desertoras de gênero, pretas, pobres, marcadas para morrer, vida em abundância. Nesse sentido, o aspecto mais importante desses ensaios é a sobreposição temporal individual/coletiva para que as próximas participem dessa ancestralidade que não cessa de se produzir. O que possibilita, em espiral, algumas saídas desse futuro endereçado à frente, um retorno constante, nunca repetido, mas que a cada volta, produz não só uma memória individual/coletiva, bem como produz fissuras ao tempo "dos brancos". O passado, oposto infinito do futuro, é tempo para que essas vidas sejam potencializadas por quem *já foram, antes de serem*. Observar esse exercício, a partir de Jota Mombaça, propõe que vidas travestis, não binárias, pretas e indígenas, alvejadas todos os dias no Brasil e no mundo, existam na plenitude que desejarem. Porque, não há produção de tempo futuro que não dependa dos corpos que estão, não só, mas que existem porque fecharam um desacordo com o pacto de morte anunciado e executado todos os dias.

## trinca da quebra

"E se, às margens do grande nós universal (humano, branco, cisgênero e heteronormativo) a partir do qual se formula e engendra um certo projeto de sujeito e identidade, outros modos de criar coletividade e de estar juntas se precipitarem na quebra e através dela? Como habitar uma tal vulnerabilidade e como engendrar, nesse espaço tenso das vidas quebradas pela violência normalizadora, uma conexão afetiva de outro tipo, uma conexão que não esteja baseada na integridade do sujeito, mas em sua incontornável quebra? (MOMBAÇA, 2021, p.22). Segundo a autora, talvez seja na multidão de estilhaços que se produz a possibilidade de um outro modo de existência em conjunto. E é nesse ponto que convoco mais duas artistas para corroborar a prática evidenciada por Mombaça. Os dois movimentos ilustrados pelas imagens ao lado, do trabalho, respectivamente de Castiel Vitorino e Lebohng Kganye, demonstram a potência de um retorno à ancestralidade, por meio de fotografias. Em álbuns de fotos antigas, as duas retornam ao passado, utilizando-o como promessa de vida. Para Castiel, "minha avó Julite foi nesse dia. Ela quem criou esse acervo de fotografias analógicas. Pelos menos 50 anos de registros. Quando vejo as fotos, consigo presentificar um futuro de liberdade. Estou criando meu álbum de fotos agora. Descobri que meu futuro tem sido lembrar meu passado. Quando lembro como voltar, consigo avançar. Se fui, voltei. Se voltei, nunca deixei de esta aqui." Para Lebohng, vestir as roupas da mãe e sobrepô-la nas imagens, em um artifício de colagem e descolamento, é descobrir uma maneira de retomar o legado das mulheres de sua família. Essa rachadura ao estático da fotografia, que funciona também como suporte de parar o tempo, reconstrói algo que não está fixo no passado de sua produção. Para falar sobre essa quebra, é preciso, imediatamente, escapar de estruturas lógicas que opõem indivíduo e coletividade, que rivalizam a continuidade da vida em suas dimensões do passado. E é diante dessa provocação que essa parte do ensaio relaciona três possibilidades de vida que têm se produzido a despeito dessas políticas de extermínio. Cada uma, a seu modo, exercita outras temporalidades, numa espécie de pacto, que não por heroísmo, como diz Mombaça, mas por serem fracasso e insuficiência, quando a eficiência e o projeto eram a morte anunciada. Quebra, termo de Mombaça, redução da palavra quebrada, lugar onde habitam as pessoas alijadas dos privilégios da lógica da vida hegemônica, são "forças que se precipitam para fora e além dos ideais normativos de gênero, sujeito e coletividade" (MOMBAÇA, 2021, p. 21) "E se, em vez da inteireza, da autoconsciência, da capacidade de autodeterminação e autoestima, houvesse um sentido de quebra que desloca efetivamente as posições incorpóreas à matriz cisgênera? E se essa sujeição inconsistente, esse modo de ser quebrado demais para traduzir-se em uma coerência identitária e representativa, qualquer que seja, insinuasse também uma forma de presença efetivamente desobediente de gênero? Quais exercícios de impropriedade, ao mesmo tempo, de reconhecimento, são dimensionados a partir do trabalho dessas três artistas? Como restituir um tempo de vida futuro? Profecia de vidas infinitas. Porque o tempo não cessará de chegar. "trata-se da articulação dos movimentos sensíveis, teóricos e poéticos que não se encerram no desejo de Ser, mas transbordam e transtornam o movimento de tornar-se." (2021, p. 133).



Descubra seu futuro  
Realizada no Quintal Bantu.  
Morro da Fonte Grande, Casa de Renato Santos.  
Vitória-ES. 2019



Imersa em pensamentos durante uma festa/Ke monhano ke ntse ke le pating II, 2013.  
Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão, 42 X 29,7 cm

**"Em homenagem a Conceição Evaristo, a gente combinamos de não morrer. Precisávamos também que eles tivessem combinado de não nos matar"**

(MOMBAÇA, 2021, p. 29)

**“ Para aqueles que são capazes de escutar, não vão nos matar agora é conjuro, anunciação. As que buscam rotas de fuga podem encontrar peças para construção de uma bússola ética, cujas setas não indicam nem o norte, nem o sul, mas o rastro dos caminhos ancestrais – do futuro e das que já vieram, comprometidas com o destino de criar raízes entre as estrelas. (p.132) ”**



## fechar um desacordo com o pacto de morte

Termino esse ensaio que, em sua maior parte, funcionou por meio de provocações, reiterando a importância da produção de outras formas de ocupar o tempo e de ser no tempo. Essa reivindicação parece impossível, dentro da medida do tempo pelo qual fomos ensinados e pelo o qual vivemos. Mas, estão aí anunciadas, por Mombaça, Castiel e Kganye, que os impossíveis é que destroem a ordem das coisas. A ordem da morte. Segundo Florencia Garramuño, "A impertinência provocada por exercícios do não pertencimento, questionam a especificidade do sujeito, do lugar, da nação e até da língua, e a arte inespecífica explora modos de fazer valer com um sentido comum – comum, porque é impróprio, no sentido que Roberto Esposito dá a essa palavra – uma situação, um afeto ou um momento que, ainda quando possa ser muito pessoal, nunca acaba por definir-se através da individualização de uma marca de pertencimento. (2014, p.28). Há uma aposta, cada vez mais pungente, "na elaboração dessas práticas de não pertencimento, mais do que como novos modos do pertencimento, porque inventam um comum como inespecífico e impessoal – ainda que único – elas nos estão propondo outros modos de organizar nossos relatos, e, por que não?, também nossas comunidades. (2014, p. 29). A previsão do futuro passa, primordialmente, pela afirmação de um desejo de futuro e as ações executadas a fim de concretizar este desejo/futuro, portanto, NÃO VÃO NOS MATAR AGORA!

## Referências

- BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude. São Paulo. n-1 Edições. 2022.  
GARRAMUÑO, Florencia. Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco. 2014.  
MOMBAÇA, Jota. não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó. 2021.  
Revista Zum, Instituto Moreira Sales. 18. junho de 2020.  
1] <https://www.buala.org/pt/autor/jota-mombaca>  
2] <https://castielvitorinobrasileiro.com/sobre>  
3] <https://www.lebohngkganye.co.za/about>